



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL**



Trabalho de Conclusão de Curso

TRANSPIRA(AÇÃO):

**Absorção da potência nas camadas de
excitação na investigação do movimento
somático na Dança**

Muryel Dante Vieira

Orientadora: Profa. Ms. Leticia Pereira Teixeira

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Alice Cavalcanti Poppe

Rio de Janeiro, 2021

MURYELL DANTIE (MURYEL DANTE VIEIRA)

TRANSPIRA(AÇÃO):
Absorção da potência nas camadas de
excitação na investigação do movimento
somático na Dança

Trabalho e Conclusão de Curso apresentado à Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de bacharel em Dança.

Orientadora: Profa. Ms. Leticia Pereira Teixeira

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Alice Cavalcanti Poppe

Rio de Janeiro, 2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso

Transpira(Ação): Absorção da potência nas camadas de excitação na investigação do movimento somático na Dança

Elaborado por: Muryell Dantie (Muryel Dante Vieira)

E aprovado pelo professor responsável pelo R.C.C., professor orientador e professores convidados. Foi aceito pela Escola de Educação Física e Desportos como requisito parcial à obtenção de grau de:

BACHAREL EM DANÇA

PROFESSORES:

Orientador(a): _____

Profa. Ms. Leticia Pereira Teixeira

Coorientador(a): _____

Profa. Dra. Maria Alice Cavalcanti Poppe

Convidado(a): _____

Profa. Dra. Luciane Moreau Cocco

Convidado(a): _____

Profa. Dra. Ruth Torralba Ribeiro

Responsável pelo R.C.C.: _____

Prof. Ms. Waleska Brito

Data: ____/____/____

“Transpiração é dança, dançar para curar o mundo.”

(Muryell Dantie)

*Dedico essa criação em Dança a toda a minha família,
amigos e alunas(os).*

*Aos artistas, mestras e mestres da dança que transpiram
em suas criações de movimento.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à força do AMOR, que me faz permanecer em danças pela vida, pela arte, pela fé em movimento, que se expressa por todos, todas e todes em sua diversidade.

Agradeço aos meus familiares pelo apoio desde sempre e por nunca terem deixado de acreditar em meu potencial de artista. À minha mãe Rosemary, por não ter medido esforços e por me ter me concedido o milagre da vida. Ao meu pai, por todo apoio, compreensão e cuidado. Mesmo nos momentos difíceis, recebi sua força. Ao meu irmão Maxwell, pelo cuidado e carinho, e às suas filhas Ana Julia e Alice, sobrinhas que amo muito. À minha cunhada Natalia, pelas confidências e pela amizade. À minha irmã Maryelle, por me acolher e ser sempre generosa com seu amor. Ao meu sobrinho Victor e às sobrinhas Rebecca e Esther, amores da vida. À minha irmã Alexandra, pela energia criativa partilhada e pelo amor. À sua mãe Sandra, por ter lhe dado a vida e por ter me acolhido na sua vida.

Agradeço ao meu companheiro e amigo Thiago por cuidar de mim, por estar sempre disposto a me ajudar e por partilhar desse momento tão importante da minha vida.

Agradeço à minha orientadora, grande mestra Leticia, pelas partilhas sensíveis e pelo acolhimento em tantos processos, pela transmissão de saberes, pela paciência e pela imensa gentileza. À Maria Alice Poppe, pelas partilhas sensíveis de contato e reverberações poéticas.

Ao Nickolas, que se disponibilizou para partilhar essa dança junto com sua Harpa Penelope. Obrigado pelos sons do coração.

À Isabela Raposo, pela captação Audiovisual dessa Dança.

Agradeço também às professoras e professores do Departamento de Arte Corporal da UFRJ pela potência artística que despertaram em mim, em especial as professoras Maria Inês Galvão e Ligia Tourinho, que me possibilitaram conhecer enquanto preparador corporal nas parcerias com o projeto com a Direção Teatral. Também sou grato à professora Maria Alice Motta pelo suporte na parceria com O Belas Artes projetos Culturais de São Mateus/ES.

Às professoras Luciane e Ruth, pela sensibilidade e por aceitarem fazer parte desse momento importante da minha vida.

À mestra Angel Vianna, pela sua contribuição à Dança e por suas mãos e olhares cheios de sensibilidade.

À querida Thereza Feitosa, pelas trajetórias possibilitadas na investigação pelo corpo no estágio em Eutonia.

Aos queridos amigos da vida: Marcelo Vittoria, Vinicius Vaccari, Luis Primaz, Ivan Duarte e Rafaela Reis, que se tornaram irmãos.

Às minhas alunas do Alfa Ballet Studio: Laila, Liana, Marianna, Ana Claudia, Aline, Margot, Elizete, Elizabeth, Keila, Tânia, por estarem disponíveis às minhas pesquisas em aulas e expressarem generosamente seu apoio em meus projetos.

À querida parceira Claudia Peres, pelo apoio e pelo espaço para meu trabalho.

Às alunas do projeto social Eflorescer, pelas partilhas na Dança Corporal.

Às mestras e mestres do ballet: Elaine e Leonice Piovanni, Tadheo de Carvalho, Jorge Teixeira, Myrna Jamus e Marcus Vinicius Lacerda (*in memoriam*).

À querida Aline Alonso (*in memoriam*) por sua grande contribuição à Dança, juntamente com as queridas Renta e Celine.

Aos programas de Bolsas de Iniciação Artística Cultural e Monitoria do Departamento de Arte Corporal da UFRJ.

Ao projeto Prática de Si, pelo acolhimento nesse tempo de sensibilidade para viver a criação. Querides Ailla, Raffa, Clarissa, Bruno, Luis Eduardo, Elaine, Elisabete.

RESUMO

DANTIE, Muryell. TRANSPIRA(AÇÃO): Absorção da potência nas camadas de excitação na investigação do movimento somático na Dança. Rio de Janeiro, 2020. Memorial – Relato de Experiência Individual (Bacharelado em Dança) – Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A criação escorrida nessa escrita-dança desperta para os trânsitos de um corpo dançante no mundo, atravessado por muitas intensidades que se transformam em manifestação dançada, resultado de uma vivência somática em processos sensíveis da corporeidade vivida, possibilitando estar em movimento de inter-ações com o mundo. Investigo as possibilidades das práticas corporais, técnicas da dança, minha trajetória no ballet em experimentações contemporâneas e os caminhos dessa criação em dança que se roteiriza em camadas: busca, fuga, encontro e a relação com os sistemas corporais, os quais se revelam em estados transpiratórios da corporeidade.

Palavras-chave: Camadas. Corpo. Corporeidade. Dança. Investigação somática

ABSTRACT

DANTIE, Muryell. TRANSPIRA (ACTION): Absorption of power in the layers of excitation in the somatic movement investigation in Dance. Rio de Janeiro, 2020. Memorial - Individual Experience Report (Bachelor of Dance) - School of Physical Education and Sports, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

The flowing creation in this writing-dance awakens to the transits of a dancing body in the world, crossed by many intensities transformed into a danced manifestation, as a result of a somatic experience in sensitive processes of the lived corporeality enabling to be in the movement of inter-actions with the world. I investigate the body practices possibilities, dance techniques, my trajectory in ballet dance in contemporary experimentations, and the ways of this creation in dance scripted in layers: search, escape, meeting, and the relationship with body systems, which reveal itself in transpiratory states of corporeality.

Keywords: Body. Corporeality. Dance. Layers. Somatic investigation

SUMÁRIO

Espirais da vida: Apresentação _____	13
Penetrar e Vazar: introduzindo essa escrita-dança _____	16
Corpo do trabalho e a prática do corpo: entre técnicas da dança e os processos do movimento somático _____	22
O corpo Dançante em (inter)ações com o mundo _____	27
O corpo está no mundo _____	27
Corpo dançante no mundo _____	28
O que o mundo quer de mim? _____	31
As camadas da investigação somática: por uma vivência da Anatomia Sensível na Dança _____	34
Processo de Roteirização: imaginação enquanto espaço de ensaio _____	40
A Busca, a fuga, o encontro e a transpiração _____	45
Busca _____	45
Fuga _____	46
Encontro _____	46
Transpiração _____	47
Considerações (in)findas: dançar para curar o mundo _____	47
Release _____	49
Ficha Técnica _____	49
Referências bibliográficas _____	51

Espiraais da vida: Apresentação

Eu sou Muryell, eu sou corpo, corporeidade viva, sou osso vivo, pele, respiração, ação, movimento e articulação. Estou em processo de acontecimento, sou a arte que transpira, pira, poros, poroso. Nasci do encontro de um jogador de futebol e uma atriz que não pode viver da sua arte, entre o atleta e a artista cheia de desejos e sonhos. Cresci em uma cidade do interior, daquelas onde era possível fazer tudo a pé. Andava bastante. Atravessava a linha do trem, caminhava pela estrada afora. Cheiro de cana queimada. Barulho do sinal que anuncia a passagem do trem. Chuva de carvão na época de queimadas, as férias na casa da vó, brincar com os primos, passar o dia em cima da árvore, nave espacial, castelo, infinito. Vivia em meio a muita imaginação, sem medo de errar, coisas de criança. Sempre me percebi enquanto artista. Amava observar as coisas à minha volta, os detalhes da vida, o cheio das pessoas, os sorrisos, as conversas, as formigas, as folhas. Aquele banho de chuva no final da tarde de verão, camisa molhada, pés no chão, ou aquele banho de mangueira no quintal. Quanta dança, quanta transpiração!

Quando criança, eu gostava de brincar com peças de jogos diversos, misturando cores, formas, carrinhos miniaturas, pinos de tabuleiros, bolinhas, entre outros brinquedos que eu agrupava e desenhava pelo chão, construindo uma espécie de coreografia, pois criava trajetórias e mudanças nas formas desenhadas no chão. Lembrar meus modos de brincar me faz pensar muito sobre meus trabalhos de hoje. Movia objetos que tinham uma relação e imaginava um acontecimento artístico, pois sempre pensei como artista e tudo se transformava em espetáculo. Para esses objetos, o ponto de partida no conceito coreográfico surgia de um corpo e minha visão sobre aquilo que elaborava. Coreografar gente não é como mover objetos, pois as pessoas não estão sujeitas apenas ao meu corpo ou pensamento. E, nesse sentido, o corpo vivo interage com o corpo que coreografa. É preciso pensar a coreografia como um espaço de jogo de interações e possibilidades e um contorno para criar mobilidades variáveis. Pensar em quem escreve essa dança corporal e considerar o corpo como sujeito que cria possíveis outros corpos.

Rememoro meus rodopios de criança, quando olhava para o céu e me movia em rotações. Como um peão solto no quintal de casa, movia o céu com meu movimento. Era incrível! Era uma busca pelo infinito do céu. Pirueta, piruetas, *piruettes*, giros, voltas, rodas, espirais, espinhais, multífidos, intervertebrais,

transversoespinal nas conexões de tecido conjuntivo, essa experiência do corpo rodante, rotadores, até a experiência da prática das técnicas de giro, ou melhor, as diversas *piruettes* do ballet clássico, desafiadoras, que exigiam grande dedicação para sua execução. Lembro-me das aulas de *piruetes* e de quando absorvi a técnica dos movimentos de giros, as camadas, para perceber a relação do movimento do corpo no espaço e dar conta daquele corpo no movimento do giro, uma desordem organizadora do eixo. Tive diversas mestras e mestres de ballet. Guardo cada um e cada uma nas minhas células, nas minhas memórias e sei que, enquanto me movo nas aulas que dou, homenageio cada ensinamento recebido, potencializando o que aprendi.

Na minha experiência com a dança, em sua maioria com o ballet clássico, toda a estrutura do trabalho da preparação do corpo para se constituiu por muitos anos, mais precisamente, por séculos, que permanece sendo reproduzida, pensada, questionada e até mesmo subvertida até os dias de hoje. No início da graduação em Dança, percebi que durante esse tempo todo de trajetória vivido na dança, o ballet exigiu um corpo para ele e se tornou sujeito, um ser dotado de muitas vozes de ordem, organização e sistemas.

O ballet se entranhou em mim, penetrou fundo. Inúmeras vezes, ouvi de professores: “No *PLIE*, você já tem que estar pingando de suor, o ballet é feito com um pingo de talento e um balde cheio de muito suor!” Era uma luta constante a busca por encher a cada aula um balde de transpiração, corpo molhado, um lago de transpiração. Era um *Lago dos cisnes*: a roupa molhada, com cheiro de corpo.

Ao mesmo tempo em que sentia todas as impressões que ficaram em meu corpo, parti em busca de outros pontos de vista. Nesse sentido, comecei a fluir em pensamentos, até que desenvolvi o ballet para o corpo contemporâneo, o que me trouxe outras perspectivas para minha atuação enquanto professor de ballet. Os estudos da anatomia sensível somaram camadas para a prática da técnica. É possível praticar a técnica e essa prática me faz questionar, perceber e trazer uma atenção consciente para seu uso.

O fato de ter sido absorvido pela técnica do ballet me permite perceber algumas questões importantes e até o excesso de tensão nas musculaturas. Não sou capaz de contar quantos *plies*, *grand-plies*, *tendus*, *jetes*, *relevés*, *rond de jambé*, *sautés*, *tour en l'air*, *arabesques*, *entrechats* e *attitudes* já executei até hoje. Esses movimentos ainda fazem parte da minha vida e, a cada aula transmitida, busco viver a técnica

como se fosse a primeira vez, visualizando cada acontecimento durante o movimento. O corpo se torna resiliente para dar conta do movimento. Era um aprendizado para levantar voo, buscar o céu, tocar pouco o chão. “Está sempre se elevando, ávido pelo ar, muito mais ao céu do que ao chão; enseja movimento, leveza, velocidade, fluxo. Especificamente no balé clássico, o corpo tende a provocar tal virtude” (POPPE, 2020, p. 179). Na história, vemos muito essa busca pelo céu, uma fuga da gravidade, até se encontrar entre o céu e a terra, o espaço para viver e transpirar.

É incrível descobrir outros caminhos. Hoje, percebo que muitas das questões já não são mais tensões. Glúteos mais relaxados, coxas liberando mais os movimentos das articulações, sentar-se melhor, com músculos menos tensionados, escápulas mais livres, direcionamentos ósseos pelos espaços mais atentos, dobras dos tornozelos ganharam outras direções. Pés mais esparramado, dedos dos pés com mais espaço. A percepção do buraco das axilas, uma relação mais íntima com as mãos, um gesto mais fino, a sutileza da expressividade das mãos. Outras dobras se revelaram e agora posso dançar por entre elas.

O ballet é uma constante transpiração, no sentido literal da palavra. Eram no mínimo seis horas de prática diária, além da dedicação extraclasse. Gotas e gotas de suor e lágrimas misturavam-se nessa emoção de loucuras, em busca de uma perfeição que me cercava em uma sala rodeada de espelhos e olhares: o outro que intimidava, querendo tirar de você aquilo que não encontrava nele. O eu que era imaginado de diversas maneiras. Foi um tempo bem difícil, mas proveitoso e exigiu muito do corpo. Essa configuração estética do ballet clássico nos domina e nos faz esquecer que somos humanos. Hoje, tenho essa consciência e, a cada aula que ministro, vivo o aprendizado de ensinar, percebendo o valor de ser corpo e a importância de respeitá-lo. Isso é sinônimo de amor-próprio: dedicar-se a si, praticar-se, perceber-se em pausa, pensar o pensamento que vem, pensar o corpo que se dá no presente. Presente aqui, se escorre em transpirações nessa dança que se manifesta nas suas camadas em escritas fluidas como um rio irrigado pelas gotas que atravessam a pele, transitam no mundo em vapor de vida por toda minha corporeidade dançante.

Penetrar e Vazar: introduzindo essa escrita-dança

A escrita é uma habilidade muito refinada, da qual nós, seres humanos, nos apropriamos através dos tempos para a comunicação. Em meus processos coreográficos, percebo que coreografia não é simplesmente uma conjunção de movimentos que se configuram em linhas e trajetórias do corpo no espaço; a coreografia é uma ação complexa, como uma consciência de que o corpo faz parte de um todo que o envolve, uma pele viva que vibra e vaza pelos poros. Quem dança, segundo Lídia Larangeira (2019, p. 58), “(...) também fala e pensa e escreve e discute e reflete e critica e deita e cria e come e discorda e pára e desobedece e faz sexo e ama e dança e escreve.” Quem dança é gente e tem história para contar, se movendo entre histórias e memórias. O ato coreográfico, em seu sentido complexo, inter-age com o que há para mover.

Em muitos momentos, pergunto-me o quanto a **dança** contribuiu para formar quem sou, o quanto ela me tornou quem sou. Também reflito sobre toda a capacidade de relações que a dança possibilitou e me deparo com sua potência de transformação de vidas, essa plasticidade que se dá pela dança, que atravessa o complexo sistema vital do corpo. Em um determinado tempo, durante a graduação em Dança, mais especificamente quando cursava a disciplina *Dança e corpo humano*, tive um profundo contato com o sistema nervoso, o que me despertou muito interesse. Quão incrível é sua fisiologia, todos os acontecimentos e compartimentos que envolvem sua complexa ação no corpo! Surgiu, então, um desejo de pesquisar sobre plasticidade e suas ramificações – como a neuroplasticidade – e o quanto a dança é fundamental para as transformações nos sistemas corporais. Desde então, venho buscando meios para dançar esses assuntos, percebendo e me relacionando pelo meu próprio corpo, absorvendo pelas minhas escutas corporais.

A dança seria o princípio? Estamos na busca de um princípio para a existência? Qual ponto de partida para uma criação? Existe, então, apenas uma fonte de inspiração para uma obra ou temos uma fricção de ideias e pensamento que desvelam o sentir artístico? Dançar pensamentos é princípio de criação, desdobramento de diversas dobras. É encontrar um caminho entre pedras, entre correntezas, entre ventanias, entre inspirar em expirar, entre o deitar e o levantar, correr, pular, andar, levitar o olhar, flutuar sorrisos, pesar os ossos e deixar-se cair. Simplesmente, proponho uma

PAUSA

para perceber-se no mundo, na atmosfera, esfera, *kinesfera*¹, cósmico, orgânico, constante acontecer de movimento. Possibilito-me perder-me nas palavras que conduzem essa escrita, assim como quando no corpo me vejo, sendo eu o próprio corpo, e falo do corpo, como eu sendo corpo falo do corpo que é próprio. Como toda essa dicotomia de corpo, essa divisão de camadas afastou então o sentido do corpo. "Não... corpo não cabe na ideia, então corpo NÃO..."

E PARA ONDE FOI O CORPO? – diluiu-se enquanto dançava? TRANSPirou no tempo...

Existe dança sem ter corpo? Existe corpo sem ter a dança? Estão um e uma para o outro e outra? Movo-me nessa questão... inquietação de si... essa é uma *escritaDançada* de inquietações, pois as camadas que se excitam e produzem potência no movimento estão inquietas, estão expelindo pelos poros os líquidos da vida, que transformam o sentido de ser humano, de ser gente, de ser vivo, de ser...

¹ "A kinesfera é tudo que podemos alcançar com todas as partes do corpo, perto ou longe, grande ou pequeno, com movimentos rápidos ou lentos etc. A Kinesfera ou Cinesfera é a esfera que delimita o limite natural do espaço pessoal, no entorno do corpo do ser movente. Esta esfera cerca o corpo esteja ele em movimento ou em imobilidade, e se mantém constante em relação ao corpo, sendo 'carregada' pelo corpo quando este se move" (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, s. d., *on-line*).

Ainda não sei onde... mas posso ter a sensação de que algo se dá no nada... sendo o nada algo... Espaço de possibilidades...

Tudo aqui que entra e sai, se esparrama, invade, imensidão, corpo aqui, momento corpo, infinito.

SIGO... movo-me no mundo, entre mundos ...

uma locomoção em espiral pelo espaço,

parto do peso da cabeça em uma
queda e recuperação
simultaneamente,

já estou em outro sentido do
espaço,

prossigo com outra espiral que parte agora do meu sacro,

meu corpo se dobra e me
encontro com o chão...

sou eu chão ...

Como me proponho a pensar como findar aquilo que não finda? Esse processo de pesquisa em dança, esse espaço-tempo de memórias, de vibrações, de descoberta, de despertares, um tempo de qualidade de escuta para prosseguir expandindo o aprendido, potencializando e transmitindo saberes vividos no corpo.

... como iniciar o início?

Danço em poesia para descobrir a vida...

O que seria a vida?

Uma ida?

Uma vinda?

Uma ida sem vinda?

Esse entre nascer e morrer

Presente, futuro, passado

Encontro, busca, fuga

Meios, inícios, fins

Afins

Nem sei ao certo o que digo

Vivo

Esse tempo

Aqui nesse canto

Escuro da fresta da dobra

Desdobra

Desdobra o papel da vida

Essa que viu

Vou

Voltou

Sem compromisso

Voou

Meia luz

Toca o tecido do lençol da cama

Mais um dia

Que dia

O dia de hoje que

Em breve

Será ontem.

... a vida seguiu a vida...

bate a saudade de abraçar em multidão...

Dançar, para mim, é uma ação viva de expansão do corpo, permear o corpo em movimento, penetrar e vazar, transformações corporais, instantes de eternidade, fluir em oceanos e rios infindos, deixar-se, nadar-se no nada, possibilidade existencial,

transe,

transar,
transpor,
transpirar.

Mergulho nessa dinâmica de sensações, *continuum* de intensidades, meu corpo, dilatado, atento, posto em evidência, entre camadas, fluxo de micromovimentos, consciência, trânsitos, ações e reações, os corpos que ocupam o mesmo espaço. O corpo partiu-se, partículas, moléculas, células, explosão de sentidos, nasce, sangra, não chora, apanha, sem fôlego, sem fôlego, chorou, transpirou no olhar.

Transpiração emerge em minha pele quando danço. “A pele é desperta, vaza do corpo aquilo que estava ‘escondido’ nas dobras e cantos do corpo” (RIBEIRO, 2015, p. 22), me excito em movimentos, experimento meu corpo pelo espaço vivo, espaço vivido, nessa micro-imanência dos movimentos corporais e do pensamento (GIL, 2013, p. 136), que me inspira, pira, nas possibilidades de estar nas potências do meu corpo dançante. Meu movimento não expressa apenas um instante, mas tudo o que está presente nessa trajetória constante e cheia de abismos e grandes pontes de descobertas de um novo mundo que aterrissa o mover. Dentro desse caminho pela pesquisa de uma “nova” motricidade, indago: Que corpo é esse que se move afetado por toda memória que nele se encharcou? Em que momento essa memória é acessada? As células que dançam e fluem em todo o corpo vivenciam esses novos territórios de sensações.

Intensamente, dediquei minha vida à dança. Segui-a como estilo de vida, profissão e pesquisa. Essa criação me leva a um aprofundamento das minhas escolhas, acessar as camadas mais intrínsecas do meu corpo, expelir-me em transpirações, memorar uma trajetória de dança que resiste e se resile com o passar do tempo, a tempo de dizer em seus processos artísticos dançantes, de gritar seus fluxos somáticos, tornar corpo a poesia que ressoa em dança. Englobando todas as vivências em dança, transpiro e absorver minhas potências em camadas excitantes do meu corpo. Assim, vou em buscas de expressar toda essa “piração” porosa nos limiares dos

meus ossos,
meus músculos,
tendões,
ligamentos,

tessituras,
ritmos corporais,
sistemas corporais em improvisações de
tatos,
paladares,
audição,
visão...

CHEIRO DE CORPO
VIVO,
TRANSPIRADO,
PULSANTE,
VIBRATÓRIO,
CORPO.

Aqui, nesse espaço possível dos ciclos da vida, estou para explicar o corpo dançante enquanto potência em modos de fazer artísticos, em um diálogo com abordagens de preparação do corpo na investigação somática na contemporaneidade, desenvolvendo novos paradigmas de criação em dança, ressaltando a dança enquanto potência nas artes, na saúde e nas relações humanas, a fim de difundir sua prática para além de um estilo específico, mas uma dança que transita pelas possibilidades do corpo em dinâmica, cinestesia, afetos, presença, consciência de si e a geração de cuidado de si e do outro.

Para a criação e desenvolvimento desta pesquisa, utilizo a abordagem de investigação do movimento somático, proveniente de minha vivência no projeto Prática de Si, com a professora Letícia Teixeira, como aprofundamento da Metodologia Angel Vianna, em recepção somática e por contágio pelo prisma do corpo sensível. Além disso, todos os recursos absorvidos nas aulas com as mestras e mestres do curso de Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro são grandes ensinamentos. Minha pesquisa se fundamenta em laboratórios que chamo de Fluxo Sôma e o Balé para o corpo contemporâneo, que entrelaça a técnica do ballet clássico com influência nas práticas somáticas.

Corpo do trabalho e a prática do corpo: entre técnicas da dança e os processos do movimento somático

Então, será que cada um pode reconhecer sua constituição física, localizando e visualizando a estrutura (esqueleto) em si mesmo, para constatar a distinção do que é visto na representação figurativa, pois ao tocar o próprio corpo a particularidade do mesmo surge por meio da percepção de si, e não pelo que ele é representado (TEIXEIRA, 2008, p.19).

O corpo tem suas próprias tecnologias, seus sistemas, suas (re)voluções. Esse mesmo corpo que em outros tempos levantou pirâmides, edifica para que haja moradas, as dobradiças movem e alavancam as obras que concretamente formam as paredes da existência, suprem o teto do pensamento para o futuro e seu chão que impulsiona as múltiplas formas de estar no mundo.

O corpo do trabalho está presente em muitos espaços. Suas ações são repetidas em prol do lucro, sem perceber que foi subjugado a uma mecanização de seus movimentos. Repete, faz, obedece, não cria, repete, faz, obedece, não cria, vai embora, chega, dorme, acorda, sai, chega, atravessa a rua, pega o metrô, dirige seu carro, paga as contas, repete, come, transa, não sente, não vê, não toca, não percebe, passou o tempo, repete, faz, obedece, não cria... faz tantas coisas e, ao mesmo tempo, não soube que fez. “Acostumados a introjetar a ordem a nossa volta habituamo-nos a não olhar, não ouvir, não sentir intensamente...” (VIANNA, 2018, p.70). Cadê o corpo sensível? Não encontra espaços para respirar, não pode sentir, porque se sentir, o

SISTEMA PARA...

Se o sistema parar

não gera lucro,
então o corpo não pode sentir,

o corpo não pode ser arte, pois o sistema precisa do corpo no trabalho, gerando lucro a qualquer custo. Limitando os movimentos do corpo que, menos expressivo, mais fácil de manipular, se torna um objeto. Cadê o corpo sujeito?

Essa era a sensação que eu tinha quando trabalhei na área administrativa. Era preciso responder ao mundo que eu deveria ser útil para lucrar. Quando entro em lugares muito burocráticos, como escritórios, tribunais, mercados, entre tantos outros estabelecimentos e instituições, fico atento aos comportamentos corporais. Parece que meu corpo grita por liberdade e experimento uma sensação de teto baixo. Quando ouço os barulhos que saem da obra do prédio ao lado do apartamento onde moro, logo penso que o corpo do trabalho está ali, construindo todo aquele prédio. O corpo constrói prédios e sua transpiração gera lucro. Lucro para quem? Quanto vale o corpo? E a arte do corpo tem algum valor ou alguma valorização?

Estava no metrô, às 9 h e me encontrei com muitos corpos do trabalho, indo para seus locais de serviço, mas esses não tinham a prática do corpo. Quando toquei a barra de metal para me segurar e manter o equilíbrio, havia outras mãos que também a tocavam. Percebi um excesso de tensão pela falta de consciência da potencialidade da camada da pele, sua sutil destreza e a forma com que lidavam com a situação do transporte coletivo: estar próximo do outro, perceber o outro ou mesmo estar em si. Naquele momento, eu me ocupava comigo, sentido a textura do metal, a temperatura, a reverberação, as possibilidades de tocar aquele objeto que recebe a todo momento interferência dos corpos que o tocam, mas não o percebem tocando.

Quanto tempo tem o corpo do trabalho? Não tem tempo, não pode parar o tempo, não pode perder a hora. Ciane Fernandes fala-dança sobre a importância de uma pausa consciente:

No contexto contemporâneo ameaçador, invasivo e incontrolável, a paragem – entendida como pausa dinâmica – restabelece a estabilidade do sujeito, possibilitando uma interação real baseada numa presença fluida. Estável é diferente de estático. É através da paragem que, paradoxalmente, o sujeito resiste ao movimento externo extremo e ativa o movimento interno intenso. Assim, a pausa ou paragem é intrinsecamente dinâmica, em fluxo (FERNANDES, 2011, p. 13).

Quando encontra espaço para parar – parar aqui como uma ação dirigida para a somaestesia –, o corpo pode perceber-se corpo, fluxo de vida. Longe de estar estático, sua pausa é repleta de movimento e presença, dispondo de meios para resistir e fluir seus desejos. Observar-se em pausa é um movimento, é uma prática. Essa explanação sobre o corpo do trabalho me faz perceber o quando o corpo na arte, especificamente na dança, carrega essa organização que tomou o corpo no nosso mundo ocidental.

O corpo é vivido na experiência, experimentado na prática. A técnica da dança pode ser a prática do corpo, com uma proposta de abordagem que vem pela atenção dirigida ao corpo. Enquanto sustentação de si, utilizo o corpo como o meio da prática do próprio corpo. Para Klauss Vianna, a técnica desenvolvida pelo artista é um meio e não um fim; como se fosse uma segunda camada, ela atua como um suporte, mas não como o principal motivo (VIANNA, 2018). No momento em que estou em prática do corpo, não apago minha bagagem técnica de uma determinada mecânica do movimento já estabelecida. A proposta é somar as camadas absorvidas nesse processo.

O que é uma técnica? Para além de estética, a técnica precisa ter um sentido utilitário, claro e objetivo. De que me adianta saber fazer movimentos belos e complexos se isso não me amadurece nem me faz crescer? Se não me faz abandonar os falsos conceitos competitivos da dança e da arte, de que me adianta essa técnica? (VIANNA, 2018, p. 76).

O ballet também é sobre descobrir caminhos no seu próprio corpo, é sobre dar sua impressão de algo que já disse. E isso leva um tempo. Percorrer esse caminho é uma jornada. Estar atento às mudanças que acontecem no corpo, integrar o movimento entre dentro e fora... Agora percebo essa relação. Não se trata apenas de executar um movimento, mas de ser o movimento, a gota de suor que escorre no canto dos meus olhos...

.
.
.
.
.

... cada gota expressa com um ato de vida, de resposta à ação do movimento, gerando mais movimento, em sucessões moventes. É sobre transitar as energias pelo corpo. A energia corporal me põe em movimento para possibilitar determinados passos fluentemente, pois não há como mover em tensões ou gastar energia demasiada. Aos poucos, a prática vai gerando possibilidades de compreender os caminhos que se apresentam para trilhar.

Aqui e agora, sou somado a muitos ensinamentos. Não sou só, sou um atravessamento de muitos e me encontro na ciência da dança, na qual me debruço para investigar as possibilidades do corpo que revela suas camadas, sua finitude infinita, para que um dia o corpo dançante abra ainda mais espaço de fala, em sua multiplicidade de atuação, seja nas artes, na saúde, na política. Onde quer que seja, o corpo dançante tem muito potencial para o futuro da humanidade. É um desafio e um dever anunciar esse novo corpo que emerge no nosso século.

O corpo transita. É trânsito. Era aquilo é já é isto. Já se foi sendo em constância, transporta-se na sua imensidão de sensações. E como dar conta de tudo isso?

Percebo minha respiração, meu diafragma expande e libera mais espaço para que o ar penetre... Toco em minhas costelas e danço nesse movimento intercostal...

Esse corpo que é mundo e está no mundo, com todas as transformações transitórias e a relação da presença de si em relação ao todo te atravessa?

Vivo está, vivendo o seu trânsito, sendo corpo... Desejos guardados, partículas isoladas, inércia, uma busca pelas forças de expulsão, forças de impulso, o apoio reconfortante do chão, a entrega dos ossos, as camadas dos tecidos do corpo, na procura de contato. Viver o mundo que não sai, fica dentro. Mover internamente, tocar a pele, mover a pele e tocar internamente. A pele é um elo entre o externo e o interno, não há dentro e não há fora, há dentro e fora ao mesmo tempo. Não há polarização da pele, suas camadas se transportam pelo mundo, criando rotas de navegação pelos espaços que habita. As ondas sonoras estimulam, excitam as camadas do corpo no movimento, dançando. Nas minhas pesquisas, sinto-me integrado aos sons musicais da vida como um todo, desde os pássaros que cantam pela manhã, o rangido das portas, os metais dos talheres quando vou fazer refeições ou lavar a louça, o som das minhas articulações quando estalam, a saliva quando molha os meus lábios que se tocam como se quisessem se beijar.

Sigo em movimentos, movimentos mútuos, mutáveis, misturados em tantas alquimias que reverberam o mover, dança que dança possivelmente todas as danças,

que já dançou enquanto pensou em dança, que já foi transportado para além de só seu ato dançado.

Dar conta do corpo já é muito. Vale a pena habitar cada parte do corpo, penetrar os poros, as camadas, as finas camadas, as veias que pulsam ritmadas com o fluxo do sangue, impulsionado pelo coração. Seja uma sístole ou diástole, seja a inspiração ou a expiração, seja no comer ou defecar, falar ou ouvir, esses movimentos de trânsitos, travessias, ligar jornadas de observar o mundo do corpo e corpo no mundo, a percepção é aguçada pelo tempo, o tempo dedicado a viver o corpo vivo, a prática pelo prisma sensível, o despertar da sensibilidade corporal para jorrar a arte transpirada.

O corpo Dançante em (inter)ações com o mundo

O corpo está no mundo

Esse ato generoso de se disponibilizar às forças gravitacionais nada mais é do que uma forma de ceder aos pontos de contato que temos com o mundo, além da sua realização como potência. Portanto, a favor daquilo a que o mundo nos conduz (POPPE, 2020, p.180).

Percebo a vida, a dança que se dá nesse mundo globalizado, tecnológico e entremeadado pelas redes da internet, com exposição de diversas opiniões sobre os fatos e as coisas desse mundo contemporâneo: a vida exposta nas redes virtuais, nos instantes filtrados pelos aplicativos dos sistemas, que nos acompanham em nossos dias. Nesse emaranhado de redes, o corpo experiencia novas forma de estar no mundo; a inteligência *cyber* se entrelaça à vida humana desses tempos.

Pouco é o nosso tempo distante dessas funções cibernéticas, pois um mundo paralelo cruzou o nosso cotidiano. Mas, aqui, quero ressaltar nossas relações do corpo no mundo, o corpo que habita espaços, que está em conexão de redes nos lugares por onde transita. Esse corpo se move no espaço sem necessariamente interferir nele, direta e indiretamente relaciona-se com esse mundo onde vive.

Quando pontuo o fato do corpo que dança pertencer a um lugar específico e único para se dançar, limitando-me a dizer que eu configuro um certo espaço para habitar o corpo dançante, como se o corpo não estivesse presente no mundo, eu anulo o corpo do mundo e o configuro para ser o corpo dançante? Poderíamos reorganizar nossos espaços dançantes, abrindo espaço para viver a dança do corpo no mundo? Digo isso como algo urgente para direcionar uma mudança no pensamento sobre o corpo dançante, que dança a dança em transformações do mundo que o atravessa nas ações de pertencer aos seus espaços de vida. Fui levado agora a pensar o espaço do útero, espaço líquido, tecido de envoltura das suas camadas, na relação com o movimento da mulher-mãe, o ventre, o quadril, a coluna que dança na relação com a evolução da vida no ventre, esse espaço dançante de princípios de movimentos, de inter-ações do corpo com seu mundo, de experiência para vida como uma preparação para outras danças que o esperam, que chamam seus tecidos moventes a partilhar com outros tecidos, que o fazem mover em seus outros modos. Delirando aqui com esse duo, ou esse *pas de deux*, do bebê com a mulher-mãe, trago essa observação sensível, sentindo nas minhas células a memória de quem já estive no espaço ventral.

Aqui, habitam as células do zigoto, do espermatozoide, do óvulo, todo DNA que se transformou e se transforma, transpira nos poros que vibram na intensidade da dança que se dá no instante fluxo vivente de potências, excitações transpassadas pela água que corre na pele, expele em camadas do movimento dançado, impregnação de movimento vivo, somático, intenso, percussivo pelo espaço que dá a dança eternizada nos sentidos corporais.

Corpo dançante no mundo

o corpo percebido pelo seu ponto de vista, como ponto de referência no espaço (aqui) e no tempo (agora), relacionado com a consciência enquanto sujeito intencional no mundo (modo de ver) e o corpo devir enquanto potência (modo de ser) (TEIXEIRA, 2008, p.16).

Existir enquanto corpo dançante me leva a perceber o mundo de maneira própria: um mundo que não se resume apenas àquilo que se sabe sobre ele, mas que inclui a possibilidade de revelar também aquilo que não é até então sabido. O movimento permeia muitas dimensões. Quando me volto ao corpo, percebo-me no tempo de agora, que logo já passou. Caminhar nas ruas da cidade, na areia da praia ou mesmo em uma trilha da floresta são experiências sobre caminhadas, mas que diferem em relação ao local onde se caminha, o que muda totalmente a ação. Muitos outros fatores podem interferir nessas caminhadas, como o clima, o dia da semana, entre tantos outros. Mas o que quero expressar é que o corpo dançante consiste, em sua multidiversidade, nessa variação de existência no mundo, ou seja, um mundo habitando no mundo.

(...) arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante do deserto e nômade da estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 9).

Seria esse o corpo dançante? Um corpo sem órgãos em trânsitos de intensidade? Variante, errante em seu mundo, revelado por movimentos de um verme? Sobre essas questões me debruço ao dialogar com o complexo conceito do corpo sem órgãos. Em cruzamento a isso, prossigo com a complexidade de conceituar ou não o corpo dançante. Esse corpo que não necessariamente habita algum lugar, mas, ao mesmo tempo, se encontra em múltiplos lugares. Corpo que é atravessado

pelas intensidades do mundo interno e externo e é mutante em sua súbita jornada. “O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num spatium ele mesmo intensivo, não extenso. Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau — grau que corresponde às intensidades produzidas” (DELEUZE; GUATARRI, 1996, p. 12).

Durante meu contato com as práticas somáticas na disciplina *Introdução aos estudos da corporeidade*, tive um encontro intenso e vivo com meu corpo. Esse fato mudou minha perspectiva de corpo e de dança². Trago como explanação do corpo dançante o ato de transpirar, ou melhor, a Trans-Piração se desdobrando ainda em Transpir-Ação. Irrigar a pele, lubrificar suas dobras, excitar-se em deslizamentos por todo o invólucro em uma conexão com o que saiu de dentro e foi para fora. Pode ainda penetrar aquilo que se expeliu? Lança-se o líquido da transpiração na atmosfera do espaço-tempo que está sendo esse devir.

A ativação desse potencial plástico do corpo equivoca a onipotência do eu da consciência reflexiva e dimensiona o ser nas dobras do mundo, encontrando assim um plano de indiscernibilidade com seus deslimites: encontro com as forças do mundo, para além dos limites do eu e da matéria corpo. Ocorre uma dilatação intensiva da consciência que se torna ciência-com o mundo e uma abertura da matéria corpo às outras materialidades e forças que impulsiona processos de corporeidade-subjetividade (RIBEIRO, 2015, p. 82).

Nos *deslimites* do corpo dançante encontram-se as constantes ações de transpirar e se inspirar nos impulsos das forças que o afetam, nesse estado dilatado de estar nessa subjetividade corpórea que se estabelece nos fluxos da vivência com o mundo. A porosidade que permeia o corpo dançante revela as absorções das camadas de excitação nos seus limiares, geradas por pertencer ao caos do sistema em que se instaura o mundo contemporâneo, transformando em arte toda essa absorção em explosões cósmicas do corpo que se manifesta em dança.

As questões que permeiam e reverberam nas minhas pesquisas em Dança se desdobram nas interações do corpo dançante com o mundo, “um corpo vibratório, emergente, buscando seu lugar para manifestação de sua arte, ser vivo e potente constituído em seu desejo de estar, estar em trânsito de transformações (DANTIE, 2018, p. 614) e “um corpo penetrado de intensidades, um corpo vibratório, de

² O relato dessa experiência se encontra no trabalho *Absorção da potência do movimento dançado* (DANTIE, 2018).

micromovimentos simultâneos e constantes, uma cadeia de micromovimentos que geram outros movimentos” (DANTIE, 2019, p. 1803).

Na contemporaneidade, em que a tecnologia tem distanciado o uso inteligente do corpo, como um reflexo acontecido na revolução industrial, quando o corpo empobreceu sua motricidade, a abordagem da metodologia Angel Vianna pela professora Leticia Teixeira traz consciência para lidarmos com o que temos vivido nos nossos dias, pois aprendemos a nos relacionar com o corpo em pausa, fazendo o uso do chão para trazer a atenção aos apoios dos grandes volumes corporais (cabeça, caixa torácica e quadril), das articulações dos membros inferiores e superiores, da coluna e do invólucro (pele), atentando para as sensações internas do corpo, como a pulsação, a respiração e a transpiração, que atravessa e expande os limites do corpo na sua porosidade sensível.

Podemos afirmar que a escuta das sensações, a escuta dos ritmos do corpo assume um papel-chave na dança de Angel Vianna. Queremos apontar aqui como no trabalho de Angel o mergulho na experiência sensível do corpo enquanto um infinito movente traça um pano de indissociabilidade entre o corpo e o mundo. A cinestesia, a sensação que temos do corpo em movimento, tão caro no trabalho dos Vianna, mais uma vez aponta para uma experiência onde ultrapassamos os limites formais do corpo, habitando um espaço de limiar, onde o corpo na sua relação com o tempo, com o espaço e com a gravidade, tece sua mobilidade e sua potência de comunicação que por sua vez assumem um princípio de propagação e contágio. Processo onde sentir e perceber o corpo é criar um corpo expressivo. A dança aqui é também uma ontologia do ser (RIBEIRO, 2015, p. 126).

O corpo dançante habita o mundo em seus pequenos espaços e o sistema capitalista massacra o artista. Relaciono-me com os ambientes do cotidiano, onde percebo o pouco espaço que temos para manifestar a arte. Então, os micromovimentos possibilitam estar em constante movimento, mesmo que se tenha pouco espaço, gerando, assim, espaço para maior fluência na zona sensório-motora das pequenas percepções, ou seja, no estado de absorção da potência do movimento dançado, em suas interações com os meios interno e externo em reatividade ao que se manifesta com microações e retroações perceptíveis de sutis mobilizações dos pequenos espaços que ocupa. Nesse sentido, me vejo em relação com o Universo, como relata o mestre Klauss Vianna:

Tudo que acontece no universo acontece comigo e com cada célula do meu corpo. A espiral crescente, o Universo, tem um ponto de partida em cada um de nós, e é do nosso interior, da nossa concepção de

tempo e espaço, que estabelecemos uma troca com o exterior, uma relação com a vida (VIANNA, 2018, p.101,103).

Então, eu uso o espaço para desenvolver o Movimento, o quanto eu puder absorver para excitar o corpo para executar a estrutura do código dançando. Por isso, considero importante a prática consciente do ballet por meio das abordagens somáticas. Precisa-se da presença do corpo, um corpo poroso às experiências das aulas vivenciadas, encharcar-se de sensibilidade.

O que o mundo quer de mim?

Meus olhos se voltam para minhas costas. Olhar o mundo por trás, em relação a outra perspectiva. Dou-me conta da presença das minhas vértebras, recheadas por tudo que me envolve, mundo invólucro. Posso agora perceber o deslizar das escápulas que se permitem apoiar no ar, a relação dos acrômios com as clavículas em micromovimentos que vão reverberando para a totalidade do corpo (DANTIE; TEIXEIRA, 2020, p. 229).

São tantas as interferências que recebo no meu dia a dia! Parece que há algo que me chama o tempo todo. Quem me chama o tempo todo? Quem tem o tempo todo? Há tempo que seja todo? Mas que tempo que é esse que está em tudo? Posso pensar em uma cronologia, mas não sinto que é esse tempo cronológico. Parece ser mecatrônico³,
vem de todos os tempos,

T R A N S T E M P O R Â N E O

Percebi-me um tempo com essa palavra, enquanto pensava sobre qual era a dança que eu transmitia, uma técnica de ballet clássico, com interferências flexíveis de um pensamento de dança contemporânea, afetivamente em disponibilidade para escutar o mundo. Mas parece tão louco, uma constante

³ Metacrónico (adj.): “que ultrapassa as fronteiras de qualquer cronologia estabelecida; transtemporal” (DICIONÁRIO INFORMAL, s. d., *on-line*).

P I R A Ç Ã O ,

que eu escolhi mergulhar, mesmo que nunca ache seu

fundo,

fundamento,

futuro,

furo,

fresta,

fossa,

fuso,

funil

filtro

filme

firmamento

fruto

falso

fisga

fecha

flecha

Flutua

Flauta

Fica

Força

Foi...

Para onde?

– atravessa o pano de fundo e transporta para o outro lado...

Permeia uma p i r a ç ã o que não é apenas um delírio, o delírio vem em outro sentido – *também conhecido como transtorno delirante, é a alteração do conteúdo do pensamento, surgindo quando a pessoa acredita fortemente em uma ideia que não é a verdade* (RAMIREZ, 2020). Logo vem a palavra verdade, ela que é tão discutida

em todos os tempos , *T-R-A-N-S-T-E-M-P-O-R-A-L*, que pode mudar o mundo quando usa para obter poder. Na verdade, ou entretanto, tenho minhas questões com a dita Verdade que se tem por aí no sentido absoluto, mas já me vem para dançar com os filósofos gregos, toda aquela discussão para obter a TAL verdade... enfim... isso se tornaria demasiadamente extenso, mas meu ESTERNO media essa fala, pois se põe à frente, osso, tecido, de gente, que sente a vida que pulsa a cada instante no tempo, ritmo próprio, nas camadas de percepção do tempo que está vivendo.

Uma outra questão é a música na dança, especificamente com a dança contemporânea. O ballet clássico, em suas obras de repertório, apoia-se em grandes composições da música clássica, que até os dias de hoje estão sendo manifestadas. As obras de Ballet de Repertório estão acompanhadas de música em seu espaço-tempo de acontecimento. A música traz uma estrutura para a criação das variações que são dançadas pelo corpo de baile e seus solistas.

Dizem-nos para sentirmos a **música** para dançar, mas pouco paramos para analisar o que é esse sentir a música. Somos levados para o campo das emoções, memórias afetivas ou imagens que nos remetem àquela sonoridade. Mas vamos aprofundar nossa pesquisa no sentir, trazer para o sentido: então é possível tatear, saborear, cheirar, ver além de só ouvir a música? Música é vibração, nossa voz produz música, voz é corpo, podemos sentir a vibração interna enquanto falamos, cantamos, emitimos sons. E os sons são físicos, portanto, atravessam nossos sentidos, sendo a música multissensorial.

Venho em busca de ressignificação da música na minha dança. Essa é uma prática a ser investigada, investida, improvisada para vibrar o sentido da música nas possibilidades de nossas danças. Nessa criação, a música surge através da dança, o artista performer compositor musical se contagia pelo movimento dançante do meu corpo. Meu corpo segue em fluxo, recebe a camada vibratória dos sons da harpa para se revestir de penetrações e jorros pulsantes arteriais que se movem e fazem mover o espaço entre nós.

As camadas da investigação somática: por uma vivência da Anatomia Sensível na Dança

O corpo não é um objeto de investigação distante ou um mero assunto de debate, mas carrega o sentido literal do sentir na pele, nos ossos e nas camadas que são atravessadas pelo fazer das práticas conduzidas (DANTIE, TEIXEIRA, 2020, p. 223).

Como posso me apropriar de algo em que não me reconheço? Essas partículas de um corpo morto ou uma representação plana, sem tridimensionalidade? Ou mesmo sem ações de vida? A Anatomia é uma ciência que existe há muitos anos e ainda vive e se reinventa em seus estudos nos nossos dias. São muitas as áreas que exigem o estudo do corpo pela Anatomia. A Dança é uma delas. Nesses quase cinco anos de universidade, tenho questionado muito as abordagens do estudo da Anatomia na Dança, pois existe um distanciamento do corpo que investiga o próprio corpo. “A anatomia tem como guia o mapeamento deste conhecimento diante do corpo cadavérico, morto ou representado” (TEIXEIRA, 2019, p. 583). Sentir na pele, no osso, me levaram a perceber o quão necessário era expandir esse estudo na Dança. Imagino uma experiência somática, conduzida por uma investigação de possibilidade artísticas, partindo do encontro com os sistemas corporais. Eu sinto a necessidade de mover esse conhecimento no meu corpo, deixar falar o corpo pelo próprio corpo, corpo pensamento de corpo, como Poppe nos relata:

Trata-se de acreditar que o pé pensa, o cotovelo pensa e que não há hierarquia em relação ao intelecto. A relação de horizontalidade entre cabeça e corpo pode incitar novas fruições, proposições de um outro giro do pensamento. O corpo pensa e o pensamento move (POPPE, 2020, p.181).

Nesse sentido, minhas experiências têm sido somadas por muitas reverberações e, nesse espaço, trago o relato de uma vivência por uma anatomia sensorial que tive nesse tempo de isolamento social, ao mesmo tempo em que tenho buscado meios para transpirar nesse processo de criação.

Esterno - o osso eterno, uma experiência em tempos de isolamento

Íntimo me torno, parte de mim, ou simplesmente eu, eu-esterno, osso do entre, linha média, impulsionador, frontal, sagital, sensível, potente. Vivo uma experiência de

uma aula de Eutonia *on-line*⁴, em um projeto executado nos tempos de confinamento... acabo de me dar conta da temperatura do corpo, meus antebraços estão mais quentes, apoiados sobre o travesseiro, estou em decúbito ventral, movendo meus dedos para escrever esse relato. Tive a oportunidade de fazer a aula da Berta Vishnivetz⁵, grande precursora da prática da Eutonia. Ela segue com uma proposta de sorrir nos tempos em que estamos vivendo. Eis uma questão: como sorrir em tempo de pandemia, quando temos noticiários de mortes a todo tempo? Sua condução sensível em investigar a presença do corpo em suas partes, apoiando sobre uma toalha de rosto enrolada nas vértebras cervicais e uma toalha banho dobrada, apoiando as vértebras torácicas. Nos joelhos, o apoio de uma almofada/travesseiro, que também toca as coxas. Dar apoio, oferecer apoio o corpo, dizer a ele que pode repousar, que naquele momento a gravidade agia de uma forma. Deitados em decúbito dorsal, investigamos as relações das escápulas, clavículas e o manúbrio, como um anel dessa cintura escapular na sua parte mais superior, próximo à cabeça. Perceber os espaços internos, deixar-se deslizar pela articulação, a expansão da respiração, que faz deslizar a clavícula do manúbrio e move a ponta do acrômio. Nessa sutilidade de uma micropercepção do movimento, uma microdança acontece constantemente para que uma ação vital, como a respiração, ocorra. Seguimos essa investigação e agora utilizamos uma toalha enrolada nas dobras atrás dos joelhos. Pés apoiam a planta no chão. Levo minhas mãos ao esterno, estou tocando meus pelos e minha pele, há um movimento entre eles e as mãos sobrepostas recebem esse movimento. Mãos-pelos-peles-esterno. Contato, C O M - T A T O. O tato está absorvendo a experiência dessa relação desse ENCONTRO. Percebo sutilmente o bombear do coração. Parece que é possível ver o movimento do coração, não apenas como um pulso, mas como algo contínuo, como um adágio que não se interrompe. Curioso. O coração parece estar o tempo todo dando saltos como em um alegre, mas agora ele é como um mar, que reflete a luz da lua e segue o movimento da brisa doce da noite. Empurro os pés no chão, como se quisesse afundar na areia. O chão me responde no tálus, que transmite o estímulo para tibia, para o fêmur, para o sacro, para a púbis e encontra as vértebras, que anunciam a

⁴ Durante a pandemia, o Instituto Brasileiro de Eutonia desenvolveu um projeto de aulas abertas *on-line* para o público em geral.

⁵ Berta Vishnivetz é fundadora e diretora da Escola Latino-americana de Eutonia na Argentina e foi responsável pela primeira turma de formação em Eutonia no Brasil.

chegada da força do chão e enviam a resposta ao processo xifoide, que compartilha com o esterno, com o manúbrio e todas as costelas, que gentilmente empurram, as mãos em direção ao teto. Nossa... incrível essa conexão. Seguindo com a investigação, começa-se a criar uma relação de ação do corpo com consciência entre o cóccix e o processo xifoide, percebendo os órgãos que se comunicam entre eles, toda essa CAMADA que os interliga, esse pequeno movimento que surge e transporta as ações para todo o corpo. Seguindo a investigação, percebemos a cabeça, pressionando, ou melhor, imprimindo o lado direito do occipital, até aproximar a orelha direita do chão. A minha atenção se volta para o lado direcionado ao teto. Senti que um espaço se abriu entre meus ombros e minha cabeça, entre o mastoide e as clavículas que, por sua vez, parecem se elevar em direção ao teto.

Assim feito, percebo a presença mais nítida do lado direito do meu rosto e o relaxamento da articulação t e m p o r o m a n d i b u l a r, como se ela tivesse cedido à ação da gravidade quando se aproximou do chão. Na próxima investigação, estamos sentados, percebendo os apoios dos ísquios, absorvendo as camadas de contato entre o apoio do assento. Toco meu esterno e começo a mobilizar as costelas em direção às costas, seguindo sua morfologia, compreendendo sua estrutura, sua expressão, gerando uma sensação de saudade e prazer ao tocar camadas que vão cruzando os sentidos das mãos, que convidam as escápulas opostas a fazerem parte dessa espiral, onde todo lado direito abre espaço para as costelas dançarem. Posso perceber que há transformação da forma global do meu corpo. Um gesto se configura. Poderia pausar e dizer algo que teria um sentido diferente se estivesse em uma posição simétrica do meu corpo. Essa assimetria convida para uma certa situação que pode atingir outras questões para quem pudera ser um espectador. Uma pausa para observar e o movimento está vivo. Agora ele segue a coreografia que lhe deu sentido. As células invadem toda a região para aprender os passos dessa dança. É perceptível a vibração dos tecidos, as camadas excitadas pelo movimento. Incluo essa prática ao outro lado,

MÃOS – PELOS – PELES – ESTERNO

movem-se, convidando as costelas a espiralarem para esquerda, indo ao encontro das escápulas. Meus pés penetram o chão. Em um momento, sinto a necessidade de bater com a mãos na coxa para sentir melhor o apoio dos pés, para

se conectarem com a espiral e, então, convidar o esterno a se mover pelo espaço, costelas espiraladas, *épaulement*⁶, essa ação de trazer a tridimensionalidade do corpo, despertando a caixa torácica para o movimento, para expandir no espaço. Minhas mãos deslizam sobre as costelas em movimentos rápidos, como se as esfregassem. Sinto a energia nos meus pelos, uma leve umidade, uma sutil transpiração, uma evaporação, conexão com todo o Espaço; o corpo segue em todas as direções, cruza-se nas diagonais do espaço e, ao mesmo tempo, parece flutuar. Não percebo a ação da gravidade, sinto minha pele quente, vibratória, coração macio, integrado, dançante, excitante.

Deito-me, percebo-me, absorvo as camadas excitadas do corpo e a potência da ação do movimento pela atenção dirigida. Há ainda mais vida, há ainda mais tempo. Existe um ganho de vitalidade, que parte da disposição de estar no presente vivendo o corpo, sendo uma parte do todo. É agora. Do que devo chamar esse ato performativo que é inter-ligado a um discurso acadêmico? Para então oferecer ao mundo, mundo que tem sede, sede de corpo, corpo vibratório, movente em seus atos *P-I-R-A-T-Ó-R-I-O-S*, que transgridem algumas normas de formatação de escrita, mesmo porque a escrita do corpo, somática, viva, instantânea, metacrônica, *TRANStemporânea*, não está apenas em uma

C O R E O G R A F I A,

mas são coreografias escritas o tempo todo, assim como os meus dedos digitam essas

P A L A V R A S,

dedos dançantes.

ARTICULAÇÃO

tem Ar,

tem Arte,

tem Ação...

Penetra ar,

ar que gera espaço,

espaço de arte e ações.

⁶ Palavra que define uma posição dos ombros no ballet. Há uma relação com a estética das estátuas gregas, posição espiralada do troco e os braços cruzando pela frente do tronco em direção ao alto.

Sigo então reverberando essas vivências...

O processo de absorção das camadas do corpo, investigadas pelo movimento, como por exemplo, a articulação glenoumeral e todo o espaço que convive em torno, envolto, percebido pela tomada de atenção e observação minuciosa das possibilidades que envolve a parte, que se desdobra em outras partes.

Os espaços das **axilas** é algo que precisamos observar e absorver no nosso cotidiano, a possibilidade de liberação do tecido, balanceando as tensões e equilibrando o tônus para que se tenha um movimento amplo e com uma melhor relação com o gesto, que influencia as principais ações da vida. Nas aulas, é notório o quanto percebo que, quando a atenção se volta para as axilas, elas se expandem e ressignificam suas travessias e seu movimento. Há uma transformação daquele lugar, que acontece pelo fato de estar vivo e observando a vida que ali se permite transformar.

Logo me dou conta de que a pele dos meus pés está em conexão com a pele da minha cabeça...

O chão me informa, relata, ata, ato entre atos.

ENTRATOS

ENTRE AS OLHAS DO PÉ SE O TOPO DA CABEÇA...

Dedilhar as costelas, caixa acústica do corpo, cordas sonoras, ossos sonoros, corpo-Harpa.

Descobrir esses caminhos sonoros

esses trilhos anatômicos de redes **fáscias** que são profundas espirais de vida, sopro, invadem o movimento na intenção mais desejada de se mover, em sentido, para um sentido, em sentido como se percebe, é vibratório, sensibilidade que surge na ação, atravessada por estímulos

somáticos intrassensoriais. Parece loucura, tudo em tempestades, pensando e dançando, dançando e expandindo

o corpo,

corpóreo,

corporal...

Escorro essa dramaturgia sensível e ressoante. Dramaturgia é como **pele**, tessituras, tecido vivo, por onde eu caminho, caminhando. Na pele molhada, deslizam as incertezas,

trilhar por vazios,

pelo infindo,

cada gota que escorre me leva para
onde ainda não sei,

talvez não saberei...

me movo em infinitos de vazios ...

rompendo limites

em deslimites do instante...

Processo de Roteirização: imaginação enquanto espaço de ensaio

Esse processo é como uma nuvem densa cheia de dados, pesada e flutuante a ponto de criar uma tempestade? O que vem depois da tempestade? A temperatura alta, 40 graus, o calor dessa cidade me faz suar. Rio de Janeiro, cidade onde transpiramos, piramos, amamos, no banhamos de águas, de natureza, “mais que beleza”, cidade do maior espetáculo da Terra: o carnaval. No corpo, a transpiração vem para equilibrar a temperatura corporal, mas também surge nas mudanças dos estados emocionais, como o nervosismo, a ansiedade, a euforia e, principalmente, quando o corpo se move, dança.

Em algum momento já nos exigiram perfeição e até nós mesmos nos exigimos. Será que essa perfeição já foi encontrada? A busca pela perfeição é uma questão importante quando falamos de ser humano.

Aqui ou lá?

Onde está?

É como correr atrás do vento? Como disse o poeta Rei Salomão, com sua sabedoria, tudo é vaidade... mas, mesmo assim, continua a busca.

O que dizer desse corpo que se move, se move, trabalha e trabalha, dia após dia? Qual sua recompensa? Bate a marreta, segura a barra, quebra uma parede, constrói outra, escala uma montanha, vê o sol se pôr, desce a montanha, olha para o céu, observa as nuvens. Lá vão elas com o vento... as nuvens seguem transformando-se, como GENTE, diz a mestra ANGEL VIANNA. Mas a busca pelo perfeito não fez perceber que já era outro dia. Já foi ontem e amanhã nem se sabe mais quando será... reticente, parece que esqueci que existe ponto final, mas é que... olha ela aí mais uma vez: a reticência é o simbolismo da busca... igual à página da internet quando está em processo de BUSCA... aí você entra em um *site* com uma infinidade de dados de busca... você se lembra do que chamávamos de *site* de busca? Pois bem, nem imaginávamos que valiam tanto. Sua busca vale muito para o outro, para o lucro. Abre o *site* de busca, escreve CORPO...

...

...

...

Body (Corpo)

Description

*Em anatomia,
um corpo é
o conjunto das várias
partes que
compõem um animal
e, após sua morte, o*

c

o

r

p

o

é considerado um cadáver.

... Nos insetos e outros artrópodes, o

c

o

r

p

o

*é normalmente dividido em
cabeça,
tórax
e abdômen.*

Em física,

um

c

o

r

p

o

(algumas vezes chamado apenas de objeto)

é

a coleção de massas tomadas uma a uma. (...)

Especificamente,

um

c
o
r
p
o

*físico é um objeto
que pode ser descrito pelas teorias
da mecânica clássica ou
mecânica quântica, e
experimentada
com medidas físicas.*

Isto inclui determinar a posição e, em alguns casos, a orientação no espaço, bem como suas mudanças, resultados da interação de forças.

Um
c
o
r
p
o

*extenso é aquele cujas dimensões
não
são desprezíveis em relação às medidas envolvidas.
Por exemplo, um Planeta estudado de perto é um*

c
o
r
p
o

extenso.

Já em um
c
o
r
p
o

*pontual, também conhecido como
partícula
ou
ponto material,
ao contrário do*

c
o

r
p
o

*extenso, suas dimensões são
desprezíveis
em relação as medidas efetuadas.⁷*

*Nas buscas do Corpo, não encontrei nada tão empolgante... digo no site de busca...
mas, de certo modo, nessa busca reticente pelo tal Corpo que pouco se conhece, um
corpo que tem que estar pronto, no ponto, na PONTA, particular objeto do outro, da
ferramenta do lucro, do prazer alheio, do cumprimento das regras e leis, que
silenciam... Silêncio... PAUSA...*

*Ouvi no noticiário que a Amazônia estava transpirando menos... piro só de pensar o
quanto nossa política tem feito pouco caso das nossas riquezas naturais ...*

*Sinto meus dedos, a profundidade dos meus dedos, dedos que tocam as teclas na
tela do celular... DEDÕES que dançam para escrever essa pira.ção... olhos que
refletem a luz do led... piscam e piscam... sinto minhas escápulas sustentaram meus
braços nessa posição que assumo... cotovelo esquerdo aponta para o teto, punho
direito toca a cama...*

Meu trocâter maior direito apoia-se no tecido do lençol...

Minhas coxas se tocam... se abraçam...

Deixo o ânus descansar e a língua se espalha na boca...

Que corpo é esse que se busca? Não reconheço...

Por que não se encontra?

Está no vento? Está na IDEIA? Está na VERDADE?

...

*Posso dizer de mim, sentir minhas dobras... eu corpo, corpo sentido, corpo expandido,
vivo, dançado, atravessado, variante, dinâmico, articulado, vibrante, movente,
CORPOCORPO, o corpo do agora, que traz o sentido, a sensata, o pulso, transpiração*

⁷ Wikipédia, s. d., on-line.

de possibilidades, estados, formas, seus DESLIMITES, seus poros e buracos que se abrem para ser infinito na sua existência.

A fuga me faz sair do meu lugar. Aqui era a busca, estava em uma elipse sem fim até fugir. Agora estou em um caminho, um trilho, por onde faço meus desvios para voltar, quando bate aquela saudade. Sobre esses estados, esses riscos, adrenalina, pulsa forte o coração, correr para não perder a hora. Na fuga também há pausa. Preciso parar, abrir os olhos, preciso ter a visão mesmo que não saiba para onde vou. Louco-moções, locomoções, transferências do corpo, coragem para cair, cair levantar, chega um momento em que não há mais tempo. Está fugindo de quê? Ou de quem? A fuga do próprio espelho, que não é ninguém. Espelho é reflexo; se não tiver luz, não reflete nada. Fuga do condicional, daquilo que só dá naquilo mesmo, o rotineiro, a lembrança. No encontro com o instante... o fluxo... ama amar, se funde com o amor... por suas camadas invisíveis ...

Instante

Puro de vazios

Vazios de infinito

Corpo que vibra

Intenso

Mover a luz que atravessa as camadas da vida

Íntimo

Sigo o rumo da vida

Rumos em vertigens que me lançam ao léu

Cada canto do canto do mar sem fim

Me leva sonhar o céu

Infundo

Transparências da lucidez

O toque invisível

A viagem que me fez partir

Voltei ontem

Amanhã já não sei mais onde serei vista, a vista

Inspiro

Sigo em dobras e me encontro entre as dobras

Ar nas articulações

Ações em fluências e confluências vivas

Paira o tempo

Pousa a sabedoria

Invisível

Segue pelas danças que se fazem dançando.

E por onde escuto, ouço, sinto, vivo, vibro a música?

Até onde chegam as vibrações do espaço a minha volta? Estou disposto a responder a todos os estímulos que me atravessam? Esse processo se desagua, se afaga no encontro das possibilidades de surgir em criações. O corpo emite o som da memória, a dança excita o corpo da harpa, harpa sujeito, objeto-sujeito-sujeita ao sujeito harpista, o harpista/harpeiro vibra com o corpo, corpo híbrido, todos nós, todos os corpos sonantes na nossa memória. A memória que juntos fomos desenvolvendo ao longo desse processo.

A Busca, a fuga, o encontro e a transpiração

TransPiração acontece em quatro cenas ou quatro camadas: Busca, Fuga, Encontro e Transpiração. As cenas partem de uma perspectiva de investigação com propostas de criação instantânea, em um jogo coreográfico entre mim e as camadas com as quais interajo, gerando as minhas danças, danças essas entre mim e as camadas, sendo eu as próprias camadas. Ao perceber que a dança não era algo que simplesmente se dá em uma simples camada, me propus a aprofundar esse conceito para essa criação, mesmo me dando conta de que múltiplas camadas se revelam enquanto me movo entre as camadas. Eu preciso fazer escolhas e essas escolhas me permitem mergulhar mais profundamente, apesar de perceber que estou em um circuito aberto de interações. Partilho com o músico performer compositor, a harpa, nas sonâncias corporais.

Busca

Primeira camada/cena, na qual interajo com os Ossos, sustentação de si, tecido profundo do corpo. Essa investigação óssea na minha trajetória com a pesquisa da prática de si, sobre deixar o osso mover, mover pelo osso, muda a qualidade do movimento, uma busca por encaixes articulares, organização da relação entre os ossos e valoriza suas funções. Juntos dessa investigação óssea, estando sobre os meus pés, trago o corpo de uma cadeira, enquanto representação de uma BARRA do ballet, pois, em minhas aulas virtuais, fiz uso da cadeira como possível apoio para a prática, em substituição à barra do ballet. Essa cena teve como ponto de partida também meu trabalho de Famílias da Dança, com o professor André Meyer, no qual

utilizei uma barra móvel para me mover pelo espaço, com voltas e saltos. Subvertendo a relação de quem dá suporte, aqui o corpo sustenta a barra/cadeira e os ossos dão direção para o corpo mover pelo espaço. Nessa cena, as ações fazem parte de uma investigação entre as mobilidades dos ossos dos pés: tálus, calcâneo, tarso, metatarsos, falanges, principalmente os ossos que conectam calcâneo, tálus e tíbia. Para uso do espaço, enquanto trajetórias, interajo com o Sistema Circulatório, o trânsito da respiração, a entrada do oxigênio, a passagem pelos pulmões, a entrada no coração, a liberação para as artérias, passando pelas valvas e vasos por todo o corpo. Deparo-me com o Sistema vestibular, a relação com o líquido do labirinto, essas contestantes voltas que dou no espaço, uma relação de ciclos, assim como a circulação sanguínea. Os proprioceptores, assim como os mecanoreceptores, estão excitados nessa camada, potencializando o movimento dançado.

Fuga

Segunda camada/cena, relação de investigação com o sistema nervoso, transitando por estados corpóreos, a paragem na cena, o movimento impulsionado, variação de dinâmicas entre prosseguir e recuar, não importa aqui para onde vou, habitar os caminhos e as trajetórias que se apresentam. O encantamento da harpa, caminhar entre retas paralelas que se encontram no infinito. O externo me faz avançar, para o futuro eterno, abre-me para o mundo, nuances ondulantes, vibratórias. O sacro me faz acolher, perceber o tempo que passou, o sagrado tempo, observar os trilhos por onde passei. Me excito na paragem, à espera do que está por vir, nessa fuga do ideal, do belo, do aceitável. Fujo para dançar o corpo. Quero apenas estar presente em cena. Vou e volto, volta, parto para longe. Quanto tempo quero estar nesse espaço de tempo? O jogo entre corpo e corpo. O corpo do preparador, do ator, do artista. A fuga do corpo do bailarino. O estereótipo do bailarino com o qual convivo. Fugir não significa rejeitar ou esquecer. A fuga provoca outros sentidos que antes não se atravessavam. A fuga não tem lugar, ela está em constante trânsito. O desejo entre a boca e o ânus, o beijo e o sexo. O risco do arrependimento, a ousadia de se lançar no abismo, enfrentar a morte para viver. Fugir da lógica e entrar em outras possibilidades. Fugir do real, da expectativa. Vagar, explorar o NERVO vago.

Encontro

Terceira camada/cena, encontrar o chão, mover o chão, a relação com o sentido do entre, a pele, invólucro, contorno vivo, o corpo eutônico, as dobras da pele, o contínuo, o ínfimo, o íntimo. Lateralidade, relações laterais. Deitar-se, decúbito, tocar o chão, viver o toque do chão, molhar o chão. Apoios, trocar, mãos aderentes, cabeça direcionada, sacro, vértebras, eixo, atlas, occipital, ossos da pelve, pele do púbis, pele das costas, pele, pele do pescoço. Deslizar a pele no osso, a pele na pele do chão, o tecido da roupa entre o chão a pele o osso. Liberação do esqueleto perpendicular, impulso contínuo e vibrado do esqueleto axial. Eixo crânio-sacro. A minúcia potencializada, as intensidades que atravessam os poros. O fogo que aquece, transpira e equilibra a temperatura. Sensibilidade tátil, amassamentos, derretimentos, corpo líquido, corpo vapor. Dinâmicas da água. Sistema Tegumentar. Ceder o peso, recuperar o flego. Penetração da vida. Excitação contínua, o orgasmo que flutua no mar.

Transpiração

Quarta camada/cena, transpirar pelo mundo, ações dançantes, a potência da dança para existência. Estar vulnerável. Corpo em quedas, corpo festivo. Carnaval, profano sacro, excitação, tesão, sexual, sádico, ousado, dionisíaco. O vapor da vida, o desejo de manifestar-se em arte. Movimento lançado, saltos, voltas, risos. Quero mover minhas questões, não quero respostas. *Transtemporâneo*, impregnação dos sentidos. Mergulho profundo no caos, no caos encontrar o nada. Vazio. Atravessar as camadas, a busca, a fuga, o encontro. Sangue fervendo. Sobe a temperatura. O corpo precisa se equilibrar. TRANSPIRA. Infindo. TRANSPIRAÇÃO. Não termina aqui. Continua...

Considerações (in)findas: dançar para curar o mundo

Cheguei até aqui, me dou conta desse tempo que estamos vivendo. Preciso dançar para curar o mundo. Como, então, existir como artista em meio a tudo isso? Preciso encontrar meios para sobreviver. Nesse sentido, fui em busca de possibilidades para, de certo modo, concluir esse ciclo espiralando, encontrando caminhos. Ensaios dentro do possível, produções e demandas dentro do possível,

mas com muito desejo, desejo de fazer arte, de honrar minhas mestras e mestres da nossa Dança. Dei-me conta das relações que tive na universidade. Encontrei artistas incríveis cheios de vontade e esses encontros fazem parte desse momento. Nickolas também em processo de conclusão do curso de Composição na Escola de Música da UFRJ, leva para seus RCC (Recital de Conclusão de Curso) a composição Musical de TRAN.Pira.Ação. Na direção audiovisual desse emaranhado, convido minha parceira, bacharela em Direção Teatral pela UFRJ, de quem tive a honra de fazer parte de seu trabalho final com Salomé Elétrica. Para vestir mais uma camada dessa transpiração, tive o prazer de ter um figurino de Renan Garcia, bacharel em Indumentária pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Pudemos partilhar ideias e partir para um Corpo ao Avesso, ponto de partida para o figurino. Encontrar um espaço para manifestar a transpiração, nesses tempos, foi para mim o maior desafio, pois está tudo fechado. Mesmo assim, me movi para encontrar esse espaço, com ajuda de um grande amigo do curso de Dança, Bruno Alarcon, que fez a ponte para que eu conseguisse uma pauta no Teatro Raul Cortez em Duque de Caxias. Fiquei o tempo todo entre meus desejos e minhas necessidades, entre encontrar meios para penetrar e vazar as questões que me põem em movimento, me transportam, transitam, transpiram.

Uma criação de amor e paixão por dançar, por saber que continuarei dançando em outros ciclos. Sigo feliz por ter chegado até aqui, por ter vencido esse vírus que causa essa pandemia. Sigo me curando em danças. Sigo dançando para curar o mundo dessa política que massacra as manifestações artísticas, que não tem sensibilidade para perceber as necessidades de um povo que precisa de cuidado, respeito, educação, arte, movimento, entre tantas outras coisas necessárias para viver nesse país. Sigo vibrando, sigo sendo Dança, vivendo as transpirações da vida. E para onde seguir, por onde gerar ainda mais transpirações? Sigo em movimento, sigo mesmo sem saber para onde essa dança vai me levar!

Release

Atravessada por intensidades, a dança é expelida pelos poros, em uma jornada pelas camadas corpóreas, agindo entre tempos e estados de busca, fuga e encontro, para então se revelar em transpiração.

Ficha Técnica

Título da Dança: Trans Pira Ação

Direção Artística: Muryell Dantie

Orientação: Profa. Ms. Leticia Pereira Teixeira

Coorientação: Profa. Dra Maria Alice Poppe

Banca: Profa. Dra Luciane Coccaro e Profa Dra. Ruth Torralba

Músico Performer Compositor: Nickolas Araujo

Áudio Visual: Luis Silva

Edição: Isabella Raposo

Figurino: Renan Garcia

Adereços: Rosemary Oliveira

Iluminação: Gabriel Prieto

Produção: Aline Juruena e TJ Mourão

Design: Fabrício Vinhas

Assistência de produção: Bruno Alarcon e Camila Honorio

Assistência Médica: Dra. Keila Rachel Azevedo e Dra. Ana Paula Andes

Pilates e fásia em movimento: Diego Castro

Gyrotonic: Tati Pará

Apoio: Alfa Ballet Studio e Liana Bonfim (Gugut)

Localização: Teatro Raul Cortez

Realização: Departamento de Arte Corporal – Escola de Educação Física e Desportos – Centro de Ciências da Saúde – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Referências bibliográficas

DANTIE, Muryell. Absorção da potência do movimento dançado. In: ANAIS DO V CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES DE DANÇA, 2018, Manaus. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2018/papers/absorcao-da-potencia-do-movimento-dancado>. Acesso em: 19 fev. 2021.

DANTIE, Muryell. Micromovimentos: (inter)ações do corpo dançante com o mundo. **Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA**. Salvador: ANDA, 2019. p. 1801-1806.

DANTIE, Muryell, TEIXEIRA, Leticia. Transmissão Investigativa Corporal: processo de recepção somática. In: VIEIRA, Marcilio de Souza; MARQUES, Larissa Kelly de Oliveira; RENGEL, Lenira Peral; PINTO, Amanda da Silva (org.). **Práticas sensíveis de movimento na dança**. Salvador: ANDA, 2020.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lucia de Oliveira, Lucia Claudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Metacrônico**. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/metacr%C3%B4nico/>. Acesso em: 08 jun. 2020.

FERNANDES, Ciane. Pausa, presença, público: da dança-teatro à performance-oficina. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v.1, n.1, p. 77-106.

GIL, José. **Movimento total: o corpo e a dança**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

LARANGEIRA, Lidia Costa. **Coreografias e contracoreografias de levante: engajando dança, grafias e feminilidade**. 2019. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

POPPE, Maria Alice Cavalcanti. Chão e pensamento: a poética da queda. In: VIEIRA, Marcilio de Souza; MARQUES, Larissa Kelly de Oliveira; RENGEL, Lenira Peral; PINTO, Amanda da Silva (org.). **Práticas sensíveis de movimento na dança**. Salvador: ANDA, 2020.

RAMIREZ, G. Delírio: o que é, principais tipos, causas e tratamento. **Tua saúde**, dez. 2020. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/o-que-e-delirio/>. Acesso em: 11 out. 2021.

RIBEIRO, Ruth Torralba, **Core-grafias intensivas de uma corporeidade em movimento**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Elementos estruturantes da dança**. [s. d.]. Disponível em:

<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=262>.
Acesso em: 18 fev. 2021

TEIXEIRA, Letícia Pereira. **Inscrito em meu corpo**: abordagem reflexiva do trabalho corporal proposto por Angel Vianna. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

TEIXEIRA, Leticia Pereira. A corporeidade e a análise funcional do corpo no movimento em dançado em diálogo com outras práticas corporais. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 5, n. 3, p. 581-595.

VIANNA, Klauss. **A dança**. Em colaboração com Marco Antonio de Carvalho. 8 ed. São Paulo: Summus, 2018.

WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. **Corpo**. [s. d.]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Corpo>. Acesso em: 26 jun. 2020.

Anexos

Universidade Federal do Rio de Janeiro apresenta

Trans PIRA AÇÃO

Memorial de Muryell Dantie

Artistas Convidados:

Nickolas Araújo e Penélope (Harpa)

07 de maio de 2021
às 14hs - Online pelo ZOOM

Link Na Bio do Instagram @MURYELLDANTIE

Orientação: Profª Ms Letícia Teixeira

Co-orientação : Profª Drª Maria Alice Poppe

Banca: Profª Drª Luciane Coccaro e Profa Drª Ruth Torralba

Direção Artística: Muryell Dantie • Músico Performer Compositor: Nickolas Araújo • Iluminação: Gabriel Prieto •
 Audiovisual: Luis Silva • Edição Audiovisual: Isabella Raposo • Produção: Aline Juruena e TJ Mourão • Assistência de
 Produção: Bruno Alarcon e Camila Honório • Figurino: Renan Garcia • Adereço e Hair Stylist: Rosemary Oliveira •
 Design: Fabrício Vinhas • Técnico de Som: Gilberto • Motorista: Ricardo • Assistência Médica: Dra Keila Azevedo e Dra
 Ana Paula Andes • Pilates e Fascia em Movimento: Diego Castro • Gyrotonic: Tati Pará • Apoio: Alfa Ballet Studio e
 Libertatório Musical • Agradecimentos: Secretaria de Cultura de Duque de Caxias, Projeto Prática de Si, Gugut,
 Capitão na Areia • Cenário/Objeto Cênico: Muryell Dantie • Locação: Teatro Raul Cortez







Processo do figurino por Renan Garcia





Elementos Cenográficos



Projeto de Iluminação por Gabriel Prieto









